

## Tipos psicológicos<sup>1</sup>

951

SÃO bem antigas as tentativas de, por um lado, resumir em certas categorias as infindas diferenças dos indivíduos humanos e, por outro, de derrubar a aparente uniformidade de todos os homens pela caracterização mais precisa de certas diferenças psíquicas. Sem querer entrar mais profundamente nessas tentativas, gostaria de lembrar que as mais antigas e conhecidas categorias provêm de *médicos*, sobretudo de CLAUDIO GALENO, médico da Grécia que viveu no segundo século depois de Cristo. Distingua ele quatro temperamentos básicos: o sanguíneo, o fleumático, o colérico e o melancólico. A idéia se baseia no ensinamento de HIPÓCRATES (século V aC) de que o corpo humano se compõe de quatro elementos: ar, água, fogo e terra. A esses elementos correspondem, no corpo vivo, sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. A idéia de GALENO era que as pessoas podiam ser divididas em quatro classes, de acordo com a mistura desigual desses quatro elementos nelas. Se predominasse o sangue, teríamos os sanguíneos; se predominasse a fleuma, teríamos os fleumáticos; aqueles com predomínio de bile amarela seriam os coléricos e os melancólicos seriam aqueles em que predominasse a bile negra. Conforme o demonstra nossa linguagem moderna, essas distinções de temperamentos tornaram-se imortais, ainda que estejam totalmente ultrapassadas como teoria fisiológica.

952 Sem dúvida, GALENO teve o mérito de criar uma classificação psicológica dos indivíduos humanos que persistiu por 1.800 anos, classificação que se baseia na diferença perceptível da *emocionalidade* ou *afetividade*. É interessante que a primeira tentativa de

1. Conferência pronunciada no Congresso Internacional sobre Educação, Território 1923. Publicado em *Zeitschrift für Menschenkunde*, V/1, 1925.

tipificação ocorra no comportamento emocional da pessoa — certamente porque o aspecto afetivo é o mais evidente do comportamento humano em geral.

Mas não se diga que os afetos sejam a única característica da psique humana, pois é possível conseguir dados característicos também de outros fenômenos psicológicos. É necessário apenas que percebamos e observemos outras funções com a mesma clareza com que vemos os afetos. Em séculos passados, que não conheciam o conceito "psicologia" como o empregamos hoje, outras funções que não os afetos estavam envolvidos em completa escuridão, da mesma forma que, ainda hoje, parecem subtilezas apenas perceptíveis à maior parte das pessoas. Os afetos podem ser observados na superfície e isto basta a quem não se interessa pela psicologia, ou seja, àquele que não vê nenhum problema na psique de seu semelhante. Basta-lhe ver no outro afetos. Se não os encontrar, o outro será para ele como que invisível, pois, à exceção dos afetos, nada perceberá com clareza na consciência alheia.

O fundamento de podemos descobrir na psique do próximo outras funções além dos afetos está em que nós mesmos passamos de um estado não-problemático da consciência para um estado problemático. Na medida em que julgamos o outro exclusivamente pelo afeto, mostramos que nosso principal critério, ou talvez o único, seja o afeto. Isto significa que este critério vale também para nossa própria psicologia e, portanto, que nosso julgamento psicológico não é objetivo e isento, mas está submetido ao afeto. Esta é uma verdade que vale para a maioria das pessoas. Neste fato se baseia a possibilidade psicológica da guerra homicida e sua recorrência constantemente ameaçadora. Assim será enquanto julgamos "ceux qui sont de l'autre côté" (os que estão do outro lado) sempre conforme nossos próprios afetos. Chamo de não-problemático este estado de consciência porque, evidentemente, nunca se transformou ele mesmo num problema. Será ele mesmo um problema quando surgir a dúvida se o afeto — e também o afeto dele mesmo — constitui base suficiente para o julgamento psicológico. Não podemos negar que sempre estamos prontos a defender-nos contra aquele que nos acusa de termos um comportamento afetivo dizendo que agimos *apenas* af de modo afetivo, mas que não somos assim em geral e sempre como naquele momento. Quando somos pessoalmente atingidos, gostamos de explicar o afeto como exceção, como algo que envolve pouca responsabilidade pessoal; mas, quando se trata dos outros, o caso é diferente. Mesmo que se trate apenas de uma tentativa, talvez não muito comvente, de escusa do amado eu, há algo de positivo no sentimento de justificação dessa escusa, ou seja, a tentativa de

953

954

diferenciar-se a si mesmo e também o próximo do estado afetivo. Ainda que a escusa seja mero pretexto, mesmo assim é uma tentativa de colocar em dúvida a validade do afeto e apelar para outras funções psicológicas que sejam tão características de sua personalidade ou, talvez, mais características de que o afeto. Aqueles que nos julgam pelos nossos afetos nós os acusamos de incompreensão e injustiça. Isto nos obriga também a não julgarmos os outros pelos seus afetos. Para isso é necessário que o homem primitivo e não-psicológico, que considera o afeto como essencial e único critério para si e para os outros, evolua para um estado problemático da consciência, isto é, para um estado em que, além do afeto, sejam reconhecidos como válidos outros fatores. Neste estado problemático é possível ocorrer também um julgamento paradoxal, qual seja: "Eu sou este afeto" e "eu não sou este afeto". Esta contradição manifesta uma divisão do eu ou, melhor, uma divisão do material psíquico que constitui o eu. Ao me reconhecer tanto no meu afeto quanto em outra coisa que não é meu afeto, distingo entre um fator afetivo e outros fatores psíquicos, devendo, pois, o afeto descer de seu trono de poder, inicialmente soberano, e assumir o lugar de uma função psíquica entre outras. Somente quando a pessoa tiver realizado esta operação em si mesma e tiver criado dentro de si uma diferenciação entre os diversos fatores psíquicos, está em condições de procurar, em seu julgamento psicológico sobre o próximo, outros critérios e não contentar-se apenas com o afeto. Só assim haverá um julgamento psicológico realmente objetivo. O que, hoje, chamamos "psicologia" é uma ciência baseada em certos pressupostos históricos e morais, pressupostos esses que só foram sendo criados pela educação cristã durante os últimos 2.000 anos. O dito, por exemplo, "Não julgueis para não serdes julgados" criou, por seu cunho religioso, a possibilidade de uma vontade que aspira, em primeiro lugar, à total objetividade do julgamento. Esta objetividade não é um desinteresse pelo outro, mas se baseia no fato de devermos usar os mesmos critérios para desculpar os outros que usamos para desculpar a nós mesmos. É o pressuposto, e exatamente o pressuposto fundamental de um julgamento justo do próximo. Talvez cause estranheza que eu insista tanto na objetividade. Mas desaparece o estranho quando se procura na prática classificar pessoas: o sanguíneo talvez nos diga que, no fundo, ele é extremamente melancólico; o colérico, por sua vez, que seu único defeito é ter sido sempre muito fleumático. Porém, uma atitude das pessoas em cuja validade só eu acredite e que seja negada por todos os demais é como uma Igreja universal cujo único membro sou eu. É preciso encontrar, pois, critérios que abarquem não só o sujeito judicativo, mas também o objeto julgado.

Bem ao contrário da antiga classificação dos temperamentos, o problema de nova tipificação começa com a expressa convenção de não deixar-se julgar segundo o afeto, nem julgar pelo afeto, pois ninguém pode nem quer identificar-se definitivamente com seu afeto. Por isso não é possível haver um acordo geral — como acontece na ciência — sobre o afeto. Quando, por exemplo, nos desculpamos por um procedimento afetivo, temos que procurar aqueles fatores em que nos podemos apoiar. Diremos por exemplo: "É evidente que disse isto ou aquilo num momento de exaltação (afeto). Foi naturalmente um exagero e não era minha intenção. Na verdade, é minha opinião ou convicção que, etc.". Uma criança muito travessa que provocou em sua mãe tremenda irritação pode dizer: "Eu não queria fazer isso, não queria magoá-la, gosto tanto de você".

Essas explicações se referem à existência de outro tipo de personalidade que não aquele que se manifestou no afeto. Em ambos os casos, a personalidade afetiva aparece como algo inferior que acometeu e obscureceu o verdadeiro eu. Muitas vezes, porém, a personalidade que se revela no afeto também aparece como um ser mais nobre e melhor, cujo nível infelizmente não foi possível manter. É sabido que existem tais ataques de generosidade, amor ao próximo, dedicação e outros "belos gestos" (como observou posteriormente um espectador irônico) aos quais a gente prefere não prender-se — razão, talvez, por que tanta gente pratica tão pouco o bem.

Em ambos os casos, porém, o afeto vale como estado de exceção cujas qualidades podem ser apresentadas à "verdadeira" personalidade como inválidas, ou como pertinentes mas desprovidas de credibilidade. Mas, o que significa esta "verdadeira" personalidade? Naturalmente, em parte, o que cada qual dentro de si distingue do estado afetivo; em parte, o que é negado a cada qual como impróprio pelo julgamento dos outros. Já que não é possível negar a integração do estado afetivo no eu, então o eu é o mesmo, tanto no estado afetivo como no dito estado "verdadeiro", mas numa atitude diferente em relação a seus fatos psicológicos reais. No afeto ele não é livre, é levado pelo impulso, é forçado. No estado normal, porém, há uma livre escolha, uma capacidade dispositiva para compreender; em outras palavras, o estado afetivo é não-problemático, o estado normal é problemático, isto é, existe o problema e a possibilidade de escolha. Neste último estado é possível uma compreensão porque só aqui existe a possibilidade do conhecimento de motivos; do autoconhecimento. Para o conhecimento é indispensável a distinção. Discriminação, porém, significa a divisão dos conteúdos da consciência em funções que se podem diferenciar.

Se quisermos, pois, determinar a peculiaridade de uma pessoa de modo que não apenas nós estejamos satisfeitos com nosso julgamento, mas também o objeto julgado, devemos partir daquele estado ou daquela atitude que são considerados estados conscientes normais pelo objeto. Haveremos de preocupar-nos, então, primeiramente, com a motivação consciente e abstrair de nossa própria interpretação arbitrária. Assim procedendo, descobriremos, com o tempo, que, apesar da grande variedade de motivos e tendências, há certos grupos de indivíduos que se caracterizam por uma notável conformidade de suas motivações. Encontraremos, por exemplo, indivíduos que em todos os seus julgamentos, percepções, sentimentos, atos e ações são motivados principalmente por fatores externos ou, ao menos, neles colocam grande ênfase, quer se trate de motivos causais ou finais. Trago alguns exemplos para ilustrar o que afirmei: Santo AGOSTINHO diz: "Não acreditaria no Evangelho se a autoridade da Igreja a isso não me obrigasse". Uma filha diz: "Não posso pensar alguma coisa que contrarie meu pai". Alguém acha muito bonita certa música moderna porque todos assim a consideram. Acontece não raro que alguém se case com certa pessoa só para agradar a seus pais, mas contra seu próprio interesse. Há pessoas que se sujeitam ao ridículo só para agradar aos outros, preferem cair no ridículo a não serem notadas. Há muitos que, no fazer ou deixar de fazer, só conhecem um motivo: o que os outros vão pensar. Alguém diz: "Não me envergonho de nada de que os outros não tomaram conhecimento". Há pessoas que só encontram felicidade quando despertam a inveja nos outros; e outras que desejam e procuram sofrimento só para atrair sobre si a pena dos outros. Exemplos dessa espécie podem ser encontrados em larga escala. Eles indicam uma peculiaridade psicológica que é bem distinta de outra atitude que, por sua vez, encontra sua força motivadora principalmente nos fatores subjetivos ou internos. Esta pessoa diz: "Sei que poderia causar a maior alegria a meu pai se procedesse assim ou daquele modo, mas já tenho outra posição firmada". Ou: "Percebo que o tempo ficou feio de repente, mas assim mesmo vou executar meu plano que já tracei anteaitem". Não viaja por distração, mas para transformar em fato sua idéia preconcebida. Alguém diz: "Provavelmente meu livro é incompreensível, mas para mim é bastante claro". Também é possível ouvir de alguém: "Todo mundo acha que sei alguma coisa, mas tenho plena convicção de que não sei nada". Tal pessoa pode ter tamanha vergonha que não ousa aparecer em público. Algumas pessoas só se sentem felizes quando estão certas de que ninguém sabe nada a respeito. Por isso, uma coisa é ruim quando agrada a todos. Procura o bem lá onde ninguém supõe poder ser encontrado. Em tudo é

necessária a concordância do sujeito, sem ela nada se faz. Este tipo de pessoa responderia a AGOSTINHO: "Acreditaria no Evangelho se a autoridade da Igreja não me obrigasse a isso". Esforça-se continuamente por demonstrar que tudo o que faz é resultado de sua própria decisão e convicção, não admitindo ser influenciado por alguém ou fazer algo em vista da opinião de outrem.

Esta atitude caracteriza um segundo grupo de indivíduos que deriva suas motivações principalmente do sujeito, das realidades internas. Há um terceiro grupo em que é difícil dizer se tira suas motivações de dentro ou de fora. Este grupo é o mais numeroso e abrange as pessoas normais menos diferenciadas; estas são consideradas as normais porque não fazem excessos ou porque não precisam deles. Segundo sua definição, a pessoa normal se deixa determinar tanto a partir de dentro quanto a partir de fora. Estas pessoas constituem o numeroso grupo do meio que inclui, de um lado, os indivíduos que se deixam determinar em suas motivações sobretudo pelo objeto externo e, de outro, os indivíduos determinados principalmente pelo sujeito. Denominei o primeiro grupo de *extrovertido* e o segundo de *introverso*. Esses termos não precisam de explicação especial, estão claros pelo que ficou dito acima.

Há indivíduos nos quais é possível reconhecer à primeira vista o tipo, mas isto não é o comum. Via de regra, só uma observação e ponderação cuidadosas das experiências tornam possível uma classificação precisa. É simples e óbvio o princípio fundamental das duas atitudes opostas, mas complicada e difícil de inferir é sua realidade concreta, pois todo indivíduo é exceção à regra. Por isso não é possível dar uma descrição do tipo, por mais perfeita, que se aplique a mais do que um indivíduo, ainda que, em certo sentido, milhares pudessem ser por ela bem caracterizados. A conformidade das pessoas é apenas um lado delas, o outro lado é sua peculiaridade. A psique individual não se explica por nenhuma classificação. Contudo, a compreensão dos tipos psicológicos abre um caminho para melhor entendimento da psicologia humana em geral.

A diferenciação do tipo acontece, muitas vezes, bem cedo. É, inclusive, tão cedo que, em certos casos, é possível falar de hereditariedade. O primeiro sinal de extroversão numa criança é sua rápida adaptação ao meio ambiente e a extraordinária atenção que confere aos objetos, principalmente no que se refere à sua ação sobre eles. O medo dos objetos é pequeno. A criança vive neles e com eles. Aprende rapidamente, mas de modo impreciso. Parece que se desenvolve com maior rapidez do que a criança introversa, porque é menos reflexiva e, via de regra, não tem medo. Parece que não sente especial distância

entre ela mesma e os objetos, podendo, assim, brincar livremente com eles e senti-los. Gosta de levar seus empreendimentos ao extremo e, por isso, se expõe a riscos. Tudo que é desconhecido parece atraente.

962 Por outro lado, um dos primeiros sinais de introversão numa criança é sua natureza reflexiva e pensativa, seu pronunciado receio e, inclusive, medo dos objetos desconhecidos. Bem cedo manifesta-se também uma tendência de auto-afirmação perante os objetos e tentativas de dominá-los. O desconhecido é olhado com desconfiança. Em geral, coloca forte resistência contra influências externas. A criança quer ter seu próprio caminho e, de forma alguma, aceita um caminho estranho que não consegue entender por si só. Quando faz perguntas não é por curiosidade ou sensacionalismo, mas quer nomes, significados e explicações que lhe dêem segurança subjetiva em relação ao objeto. Vê uma criança introvertida que tentou os primeiros passos só depois que se familiarizou com o nome de todos os objetos em seu quarto, com os quais poderia entrar em contato. Na criança introvertida encontramos bem cedo a atitude de defesa, característica do introvertido adulto, contra o poder dos objetos, da mesma forma que podemos observar bem cedo na criança confiante no tratamento com os objetos. Este é o traço fundamental da atitude extrovertida: a vida psíquica transcorre, por assim dizer, nos objetos e nas relações com os objetos, fora do indivíduo. Em casos especialmente marcantes, há uma espécie de cegueira para com a própria individualidade. O introvertido, ao contrário, se comporta em relação aos objetos como se estes possuísem um poder sobre ele, contra o qual precisa defender-se. Seu mundo propriamente dito é seu interior, seu sujeito. É um fato triste mas nem por isso menos frequente que os dois tipos tenham péssimo conceito um do outro. Isto chama imediatamente a atenção de quem estuda o problema. Provém do fato de os valores psíquicos estarem localizados em lados opostos. O introvertido vê tudo o que lhe parece valioso no sujeito; o extrovertido, ao contrário, no objeto. Ao introvertido a dependência do objeto parece a coisa mais desprezível, ao passo que o extrovertido considera a preocupação com o sujeito simples auto-erotismo infantil. Não é de admirar, portanto, que os dois tipos se combatam mutuamente. Isto não impede que o homem, na maioria dos casos, dispese uma senhora do tipo contrário. Esses casamentos são muito significativos como símbolos psicológicas, enquanto os parceiros não tentarem compreender "psicologicamente" um ao outro. Esta fase, porém, integra os fenômenos normais de desenvolvimento de todo casamento onde os esposos decidem sobre uma parada obrigatória ou sobre

a necessidade de prosseguir, ou sobre ambas, tendo igualmente boa dose de ânimo para deixar que a paz matrimonial chegue ao rompimento. Se as circunstâncias forem favoráveis, esta fase entrará automaticamente na vida dos dois tipos e devido às razões seguintes:

*O tipo é um aspecto unilateral do desenvolvimento.* Um deles desenvolve apenas suas relações para fora e negligencia seu interior. O outro desenvolve-se apenas para dentro e estagna com referência ao exterior; mas, com o tempo, surge no indivíduo a necessidade de desenvolver também o que ficou desprezado. *O desenvolvimento se realiza sob a forma da diferenciação de certas funções.* Por causa da importância dessas funções para o problema dos tipos, preciso dizer algo sobre elas.

A psique consciente é uma espécie de aparelho de adaptação ou orientação, constituído de certo número de diferentes funções psíquicas. Como funções básicas podemos elencar a *sensação*, o *pensamento*, o *sentimento* e a *intuição*. Sob o conceito de sensação pretendo abranger todas as percepções através dos órgãos sensoriais; o pensamento é a função do conhecimento intelectual e da formação lógica de conclusões; por sentimento entendo uma função que avalia as coisas subjetivamente e por intuição entendo a percepção por vias inconscientes ou a percepção de conteúdos inconscientes.

Segundo o alcance de minha experiência, essas quatro funções básicas são suficientes para expressar e representar os meios e caminhos da orientação consciente. Para uma orientação plena da consciência, todas as funções deveriam concorrer igualmente; o pensamento deveria facultar-nos o conhecimento e o julgamento, o sentimento deveria dizer-nos como e em que grau algo é importante ou não para nós, a sensação deveria proporcionar-nos a percepção da realidade concreta por meio da vista, do ouvido, do tato, etc. e a intuição deveria fazer com que advinhássemos as possibilidades e planos de fundo mais ou menos escondidos de uma situação, pois também eles fazem parte do complexo quadro de um dado momento.

Mas, na verdade, essas funções básicas estão raras vezes ou nunca igualmente diferenciadas e, portanto, disponíveis. Via de regra, uma ou outra dessas funções ocupa o primeiro plano e as outras permanecem indiferenciadas no segundo plano. Assim, há muitas pessoas que se limitam a perceber simplesmente a realidade concreta, sem preocupar-se em refletir sobre ela ou em considerar seu valor sentimental. Pouco se importam também com as possibilidades que podem estar em certa situação. Tais pessoas eu as denomino tipo sensação. Outras se deixam determinar exclusivamente pelo que pensam, e não conseguem adaptar-se a uma situação da

qual não têm conhecimento intelectual. São os tipos pensamento. Outras pessoas, ainda, deixam-se guiar em tudo exclusivamente pelo sentimento. Perguntam apenas se algo é agradável ou não e se orientam por suas impressões sentimentais. São os tipos sentimento. Os intuitivos, finalmente, não se preocupam nem com idéias nem com reações sentimentais, nem também com a realidade das coisas, mas deixam-se atrair exclusivamente pelas possibilidades e abandonam qualquer situação que não permite vislumbrar maiores possibilidades.

Esses tipos apresentam ainda outra espécie de unilateralidade que, no entanto, se complica de modo especial com a atitude introvertida ou extrovertida em geral. Devido a esta complicação é necessário lembrar a existência desses tipos de função e, com isso, voltamos à questão, antes abordada, da unilateralidade das atitudes extrovertida e introvertida. Esta unilateralidade levaria a uma completa perda de equilíbrio se não fosse psicologicamente compensada por uma atitude inconsciente oposta. A pesquisa sobre o inconsciente mostrou, por exemplo, que um introvertido tem, ao lado ou atrás de sua atitude consciente, uma atitude extrovertida que lhe é inconsciente e que compensa automaticamente a unilateralidade consciente.

Na prática, podemos vislumbrar intuitivamente a existência de uma atitude introvertida ou extrovertida em geral, mas uma pesquisa científica que pretende ser exata não pode contentar-se com premissas genéricas, mas tem que trabalhar o material concreto à sua disposição. Descubriremos, então, que ninguém é simplesmente introvertido ou extrovertido, mas o é por conformação de certas funções. Tomemos, por exemplo, um intelectual: o material consciente que ela traz à observação — idéias, conclusões, reflexões e também ações, afetos, sentimentos e percepções — é de natureza intelectual ou, ao menos, dependente diretamente de premissas intelectuais. Devemos, por isso, inferir a natureza de sua atitude geral da peculiaridade desse material. Um tipo sentimento apresentará bem outro material: sentimentos e conteúdos emocionais de toda espécie, idéias, reflexões e percepções dependentes de premissas emocionais. Somente pela peculiaridade de seus sentimentos podemos saber se um indivíduo pertence a este ou aquele tipo geral. É por isso que preciso mencionar aqui também a existência de tipos de função. As atitudes extrovertida e introvertida não podem ser demonstradas, no caso particular, como algo geral, mas só como a peculiaridade da função consciente que predomina. Assim também não existe uma atitude geral do inconsciente, mas apenas formas tipicamente ordenadas das funções inconscientes; e só pela pesquisa

das funções inconscientes e de suas peculiaridades é possível conhecer cientificamente a atitude inconsciente.

Não é possível falar abertamente de funções inconscientes, ainda que na economia psíquica seja preciso reconhecer ao inconsciente uma função. Acho que se procede bem se, neste aspecto, houver muita cautela. Por isso não gostaria de afirmar nada além do seguinte: o inconsciente no estado atual de nossos conhecimentos tem uma *função compensadora* em relação à consciência. O que o inconsciente é em si e por si é especulação inútil. Ele está, segundo a natureza de sua definição, além de qualquer conhecimento. Apenas postulamos sua existência a partir de seus produtos como *sonhos* e coisas afins. É um dado seguro da experiência científica que os sonhos, por exemplo, têm normalmente um conteúdo que pode corrigir de modo essencial a atitude consciente. Daí tiramos a justificação para falar de uma função compensadora inconsciente.

Além dessa função geral relativamente à consciência, o inconsciente contém funções que, sob outras condições, podem tornar-se conscientes. O tipo pensamento, por exemplo, tem que reprimir e excluir sempre, tanto quanto possível, o sentimento, pois nada perturba tanto o pensamento quanto o sentimento; e o tipo sentimento tem que evitar ao máximo o pensamento, pois nada é mais prejudicial ao sentimento do que o pensamento. Funções reprimidas caem sob o domínio do inconsciente. Assim como dos quatro filhos de Hórus apenas um tem cabeça humana, também das quatro funções básicas apenas uma é totalmente consciente e diferenciada o suficiente para ser manipulada livremente e à vontade, enquanto as outras três são total ou parcialmente inconscientes. Com esta inconsciência não quero dizer que um intelectual, por exemplo, não esteja consciente de seus sentimentos. Conhece muito bem seus sentimentos na medida em que é capaz de introspecção. Mas negalhes qualquer validade ou influência. Manifestam-se contra sua intenção; são espontâneos e autônomos. Aporaram-se da validade que a consciência lhes nega. Agem por estímulo inconsciente, constituem como que uma contrapersonalidade, mas cuja existência só é possível deduzir após análise dos produtos do inconsciente. Se uma função não possuir disponibilidade, se for percebida como estorvo da função consciente, se caprichosamente ora se manifesta ora desaparecer, se tiver caráter obsessivo ou se permanecer obstinadamente escondida quando se deseja sua presença, então possui a qualidade de função situada no inconsciente. Mas esta função ainda tem outras características: é sempre algo inautêntico, isto é, possui elementos que não lhe pertencem necessariamente. Assim, por exemplo, o sentimento inconsciente do intelectual é *estranhamente fun-*

*dístico*, muitas vezes em grotesca oposição ao intelectualismo exageradamente racionalista da consciência. Em oposição à intencionalidade e soberania do pensamento consciente, o sentimento é impulsivo, incontrolado, caprichoso, irracional, primitivo e arcaico como o sentimento de um selvagem.

971 O mesmo vale para cada função que está reprimida no inconsciente. Permanece sem evoluir e, fundida com outros elementos impróprios, permanece em certo estado primitivo, pois o inconsciente é o resto de uma natureza primitiva e indomada em nós, bem como a matriz do futuro incriado em nós. E, assim, as funções não-desenvolvidas são sempre também as seminais. Não é de admirar, pois, se, no decorrer da vida, houver necessidade de uma complementação e mudança da atitude consciente.

972 Além dessas qualidades das funções não-desenvolvidas ainda acresce a peculiaridade de que elas são extrovertidas na atitude introvertida consciente e vice-versa; elas compensam, portanto, a atitude consciente. Podemos esperar, por exemplo, descobrir num intelectual introvertido sentimentos extrovertidos. Um deles disse certa vez muito bem: "Antes do jantar sou kantiano, após o jantar sou nietzscheano". Isto significa que em sua atitude quotidiana era intelectual, mas sob a influência estimulante de um bom jantar sua atitude consciente era quebrada por uma onda dionisíaca.

973 Encontramos agora uma séria dificuldade: o diagnóstico dos tipos. O observador externo vê tanto as manifestações da atitude consciente quanto os fenômenos autônomos do inconsciente e fica indeciso sobre quais atribuir à consciência e quais ao inconsciente. Em tais circunstâncias, o diagnóstico diferencial só pode basear-se em estudo bem exato das qualidades do material observado, isto é, é preciso descobrir quais fenômenos provêm de motivos conscientemente escolhidos e quais nascem espontaneamente e também se precisa estabelecer quais as manifestações que são adaptadas e quais as que têm caráter não adaptado, arcaico.

974 Está claro, pois, que as qualidades da função principal consciente, isto é, as qualidades da atitude consciente como um todo estão em estreita oposição às qualidades da atitude inconsciente. Em outras palavras: *entre consciência e inconsciente existe normalmente uma oposição*. Mas este contraste não se apresenta como conflito, enquanto a atitude consciente não for unilateral em demasia e não estiver afastada demais da atitude inconsciente. Se isto, porém, acontecer, então o kantiano será desagradavelmente surpreendido por seu dionisismo porque este começará a desenvolver impulsos altamente impróprios. A atitude consciente vê-se, então, obrigada a

suprimir as manifestações autônomas do inconsciente, e o conflito está armado. Uma vez que o inconsciente entrou em conflito ativo com a consciência não mais se deixa suprimir simplesmente. É verdade que certas manifestações especialmente visadas pela consciência não são difíceis de suprimir, mas, neste caso, os impulsos inconscientes procuram simplesmente outras saídas, difíceis de reconhecer. Uma vez abertas essas válvulas indiretas, já se inicia o caminho da neurose. Pode-se evidentemente tornar acessível à consciência cada um desses falsos caminhos por meio da análise e, assim, levá-los à supressão consciente, mas com isto a força instintiva não é apagada e, sim, empurrada cada vez mais para um canto, se a compreensão dos caminhos indiretos não for também uma compreensão da unilateralidade da atitude consciente. Com a compreensão dos impulsos inconscientes deveria mudar a atitude consciente, pois foi sua unilateralidade que ativou a oposição inconsciente, e o conhecimento dos impulsos inconscientes só é proveitoso quando ele compensa efetivamente a unilateralidade da consciência.

975 A mudança da atitude consciente não é nenhuma bagatela, pois a essência de uma atitude habitual é sempre um ideal mais ou menos consciente, santificado pelo costume e tradição histórica, fundado na rocha do temperamento inato. *A atitude consciente é sempre, no mínimo, uma espécie de cosmovisão, quando não uma religião propriamente dita*. Esta realidade é que faz tão importante o problema dos tipos. A oposição entre os tipos não é apenas um conflito externo entre as pessoas, mas também uma fonte de infundáveis conflitos internos, não apenas a causa de disputas e antipatias extremas, mas também motivo de doenças nervosas e sofrimentos psíquicos. Foi esta realidade também que obrigou a nós médicos ampliarmos nosso horizonte, originariamente apenas médico-psicológico, e incluímos nele não só pontos de vista psicológicos em geral, mas também questões relativas à visão do mundo.

976 No espaço de uma conferência não é possível mostrar a profundidade desse problema. Devo contentar-me em apresentar em grandes traços ao menos os fatos principais e o largo alcance de sua problemática. Para maiores detalhes, indico meu livro *Tipos psicológicos* onde desenvolvei um trabalho minucioso.

977 Resumindo, gostaria de frisar que cada uma das duas atitudes gerais, isto é, introversão e extroversão, se manifesta de acordo com uma das quatro funções básicas dominantes no indivíduo. Na realidade, não existem introvertidos e extrovertidos simplesmente, mas existem tipos funcionais introvertidos ou extrovertidos como tipos pensamento, tipos sentimento, etc. Disso resulta um mínimo de oito

tipos perfeitamente distintos. Obviamente este número pode ser multiplicado à vontade e a qualquer tempo se dividirmos, por exemplo, cada uma das funções em três subgrupos, o que não seria impossível na prática. Poderíamos, por exemplo, dividir facilmente o intelecto em suas três formas bem conhecidas: a forma intuitiva e especulativa, a forma lógico-matemática e a forma empírica que se baseia principalmente na percepção sensorial. Decomposições semelhantes é possível fazê-las também nas outras funções básicas como, por exemplo, na intuição que possui tanto um lado intelectual quanto sentimental. Essas decomposições permitem estabelecer arbitrariamente muitos tipos, mas cada divisão ulterior torna-se cada vez mais sutil.

978

Para completar, devo dizer que não considero a tipificação inverto e extraverto e as quatro funções básicas como a única teoria possível. Qualquer outro critério psicológico poderia ser empregado como classificatório, mas não encontrei nenhum que tivesse a mesma importância prática.

## Tipologia psicológica<sup>1</sup>

**C**ARÁTER é a forma individual estável da pessoa. A forma é de

natureza corporal e também psíquica, por isso a caracterologia em geral é uma doutrina das características tanto físicas quanto psíquicas. A enigmática unidade da natureza viva traz consigo que a característica corporal não é simplesmente corporal e a característica psíquica não é simplesmente psíquica, pois a continuidade da natureza não conhece aquelas incompatibilidades e distinções que a razão humana precisa colocar a fim de poder entender. A separação entre corpo e alma é uma operação artificial, uma discriminação que se baseia menos na natureza das coisas do que na peculiaridade da razão que conhece. A intercomunicação das características corporais e psíquicas é tão íntima que podemos tirar conclusões não só a partir da constituição do corpo sobre a constituição da psique, mas também da particularidade psíquica sobre as correspondentes formas corporais dos fenômenos. É verdade que o último processo é bem mais difícil, não porque o corpo é menos influenciado pela psique do que a psique pelo corpo, mas porque, partindo da psique, temos que concluir do desconhecido para o conhecido, enquanto que no caso inverso temos a vantagem de começar pelo conhecido, ou seja, pelo corpo visível. Apesar de toda a psicologia que acreditamos hoje possuir, a alma continua sendo bem mais obscura do que a superfície visível do corpo. A psique continua sendo um terreno estranho, pouco explorado, do qual temos notícias apenas por vias indiretas, fornecidas pelas funções da consciência que, por sua vez, estão expostas a possibilidades de erro quase infundas.

979

1. Conferência pronunciada no encontro de médicos de doentes mentais, Zurique 1928. Cf. *Selenprobleme dar Gegenwart*, p. 101s.